



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Talhada - Lisboa - Telefone: 100-100

Oficinas de impressão: Rua da Alalaias, 134

A Batalha

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

GREVE FERROVIARIA

O plano "deles"

NOTAS E IMPRESSÕES

O Proletariado francês contra o Crime

A firmeza dos ferroviários impõe-os à simpatia do operariado

Parecerá estranho que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e o governo, ante a greve do pessoal ferroviário, que tantas perturbações tem trazido à economia do país, se mantêm na atitude de manifesta intransigência que temos observado. Essa estranheza mais se avoluma ao saber-se que, por motivo da greve, que reveste um aspecto de alta gravidade, quer pela sua rara importância, quer pela longa duração, tem o consumidor sofrido sensivelmente, vendo agravar-se de dia para dia o preço da vida, mas algo tem sofrido também o comércio, que na actual situação não encontra ensejo, por carença de mercadorias, a meter-se em transacções de vulto, aquelas transacções que dum golpe lhe metem na bolha uma centena de contos de réis, que com enriquecer aos poucos se não contentam os ladrazeiros discípulos de Mercúrio.

Por outro lado, sabe-se que a Companhia vê profundamente afectados os seus interesses, não só pelos lucros que tem deixado de perceber durante este longo período de greve, merce do anómalo funcionamento dos comboios, mas também e muito especialmente pela deterioração de máquinas e outros materiais e não menos pelo roubo e estrago das mercadorias que se estendiam ao longo dessas estações, uma grande parte das quais terá que reparar em dinheiro.

Há, porém, ainda a incluir, na longa lista dos que tem perdido com a dura contenda, o governo, ou melhor, o Estado, posto que, em consequência da greve, as tropas em serviço através a linha ferroviária tiveram acarretado despesas importantes ao erário público, despesas estas que não serão cobertas pela Companhia.

Estes os prejuízos materiais. Mas há também os morais que, se pudesssem ser imediatos, se elevariam a uma imponente soma, tendo nós boas razões para supor que se os prejuízos desta natureza são avultados em relação aos previstos, muito mais o são, em relação ao governo e à Companhia, que através de demora luta têm sido assaltados por mil contrariedades, embora nos queiram dar a impressão de estarem em honra duma serenidade absoluta.

Como se explica então a resistência da Companhia às reclamações dos grevistas, sabido como é que estes não fazem uma exigência incomportável, se tivermos em atenção as dificuldades da vida e as conquistas feitas, com menor esforço, por outros salariados?

A irredutibilidade da Companhia explica-se no propósito em que estão os capitalistas de anular, por um movimento combinado, embora para esse efeito muitos deles tenham que sofrer transitoriamente fortes prejuízos, o eixo das reclamações do operariado, condados que, com o insucesso das tenta-

O pequeno vagabundo

Era domingo, e o sol ardente de júlio dardava, a prumo os raios sufoquantes do meio-dia. Dir-se ia que a rua, inundada de luz tam violenta, afastava de si os passantes, pois não obstante a hora convidar a uma digressão, o calor enorme que fazia levava para longe toda a gente da cidade. Apenas uns três parvenus, desses que, como triunfadores, guizalham por aí, a sua incompetência, mostrando em toda-a-parte a vacuidade dos seus cérebros devitiosos, conversavam e riem perdidamente, tirando as vírgulas dos outros gastos e apagados de libertinos, para melhor poderem dar largas à sua hilariedade. Estavam à porta da igreja e certamente aguardavam alguma coisa, porque uma respeitável fila de trens indicava um casamento de gente rica. Aproximaram-se, a inteligência, e o espírito dos três vadios, tam baixos como os vidos que usavam, esfaziam em gracejos de moco de freres, e eles abriam muito a boca, dando estrondosas gargalhadas. Entretanto, o sol queimava-lhes os costados, mas eles pareciam não dar por isso, e a profusão de gestos e attitudes com que condimentavam a chalaca piagem uma coisa que, à beira da valeta, estendia eternamente mão, esperando uma esmola que não vinha nunca. Era uma criança alada? Seria um velho, curvado, amachucado, torcido, como uma barra de ferro entre línguas de fogo? Ninguém o poderia dizer. Era um faraó humano, um objecto inanimado, insensível a tudo quanto se passava à sua volta, dessas criaturas que nascem e morrem sem nunca ter chegado a saber porque vivem nem para que vivem, que passam a sua existência de miséria, de dias nas valetas de noite nos portais arrastando uma vida imberbe, sempre à margem das ruas como à margem das leis, caminhando desapalpadela, no meio da sociedade que os atropela e se afasta deles com asco e com nojo, condonando-os a conservar, à torrente do sol e ao ligeiro da chuva aquela mão, sempre igual em todos os miseráveis, descarnada e suja, que agora se estende implorando, e um dia avançava ameaçadora. Possivelmente era um garoto que não fosse também um velho. O rapaz, sentindo-se pizado, não se moveu, nem se queixou. Os ombrões furavam-lhe a blusa estarrapada, por cujos buracos se analisavam as garras de fome. Os olhos estavam parados e as faces cobertas de feridas, das quais algumas sangravam ainda. Tinha os cabelos caslhanhos e o nariz afilado. Os três faltantes não viram o rapazito. O rapazito também não os viu a eles. Era cego, e a cabeça inclinava-se ora para um lado para o outro, com um movimento automático de péndulo de relógio. Um idiota.

A mão continuava estendida, e o sol, cada vez mais quente, punha reflexos de prata nas poças de água que a rua, regada há pouco, ainda, mostrava aqui e ali. A breve trecho encontraram-me diante do pequeno, e preguntei a mim mesmo porque razão se consentia que vivessem criaturas como aquela, sujeitas, toda a sua existência, a um sofrimento perpétuo, sendo ao mesmo tempo uma fonte de constantes prejuízos para os outros. Absorvi-me completamente. Merlei-me, sem saber porquê, de Licurgo que fizesse eliminar, outrora, na Grécia famosa, as crianças julgadas incapazes de atingir o desenvolvimento normal, lançando-as abaixo do monte Taigeto. Preguntei-me porque razão se conservava a vida a esses entes, que só reclamam atenções e cuidados quando nada produzem, a não ser alguns cobres que a hipocrisia caridade dos ricos lhes atira, com a mesma desvergonha e a mesma facilidade com que se metem na carne com as suas amantes. Platão e Aristóteles defenderam e pugnaram por aquele princípio, dum alto valor social e económico, e que só alguns humanistas de papéis ouviam contrariar, acusando aquela medida de egoista.

E claro que o governo — este ou qualquer outro, por mais liberal que se roulette — ajuda e favorece os intuiços da Companhia, porque, fazendo-o, não serve os seus interesses particulares, mas também aí figura a disposição de contribuir com o máximo da sua força para o aniquilamento do espírito de rebeldia do proletariado, cuja ação combativa o incomoda sobremodo, por múltiplas razões.

DEMOCRACIA...

S. Júlio do ferro republicano-burguês

continuam arbitrariamente detidos no quartel do Carmo, sem que os governantes se resolvam a libertá-los

A ordem do governo, continuam os caboucos do Quartel do Carmo, não podendo comunicar com suas famílias e amigos, os camaradas que as autoridades, por uma inexplicável exceção, mantiveram presos, ao passo que ordenavam a pronta libertação de todos os encarcerados no picadeiro — como eles do tremendo crime de estarem em vários sindicatos operários, legalmente constituídos, tratando uns de assuntos de carácter interno, assistindo outros a uma sessão de protesto contra as perseguições à imprensa sindicalista revolucionária, na Juventude Sindicalista Central.

Já no nosso número de ontem estivemos tal procedimento do governo, que o procura baldadamente justificar, acusando aqueles nossos amigos de vivermos à custa das associações, entregando-se a agitação e não trabalhando, acusando que não é capaz de provas e que não devia fazer tão levianamente devores os alferces da sociedade burguesa e política em que, para desventura do povo trabalhador, ainda vivemos. Enganou-se, e registou mais esta desilusão, com violências que conseguiram deter o incêndio — por eles ateado em tempos do velho regime — que, surdamente devora os alferces da sociedade burguesa e política em que, para desventura do povo trabalhador, ainda vivemos.

Julgava o operariado organizado que os homens da situação, após a dura ligaçao do passado, vissem bem claramente que os tempos mudaram e que não é com violências que conseguiram deter o incêndio — por eles ateado em tempos do velho regime — que, surdamente devora os alferces da sociedade burguesa e política em que, para desventura do povo trabalhador, ainda vivemos. Enganou-se, e registou mais esta desilusão, com violências que conseguiram deter o incêndio — por eles ateado em tempos do velho regime — que, surdamente devora os alferces da sociedade burguesa e política em que, para desventura do povo trabalhador, ainda vivemos.

Afastei-me horrorizado. O sol escaldava, e os trens já se não davam mais que um ruido confuso.

NOTAS E IMPRESSÕES

O Proletariado francês contra o Crime

GREVE FERROVIARIA

O pequeno vagabundo

Nas horas graves das responsabilidades históricas em que os partidos e os homens fixam para muito tempo o seu nível intelectual, moral e político, todos os que consagraram a vida à ação socialista no seio da Secção Francesa da Internacional operária tecem o direito de registar com legitima alvez que o Partido Socialista francês, em quasi todas as suas Federações, salvo poucos desfalcamentos individuais e passageiros, se acha à altura do seu papel histórico: repudia com horror um tratado de vingança, de brutalidade e de guerras futuras.

Paga a sua divida de honra à 1.ª Internacional e ao Partido operário alemão que, em 1870-1871, viu o seu director e os seus chefes, Bebel e Liebknecht, arrastados, de pulsos algemados, para as prisões do Império, por temer protestado com todas as suas forças contra um tratamento brutal e inique, infligido à França militarmente esmagada.

Um crime contra a França! Ele denuncia a França, exalta e de fraça nata, a manter-se em pé de guerra durante longos anos, exercendo o papel de carcereiro dum povo vizinho, frequentemente de cōlera e de raiva. Submete a França, que tanto tem sofrido com a reacção patrioteira, ao domínio das autoridades, os preponderantes da faida Companhia. E não é possível esse esmagamento porque toda a classe operária velha. Os ferroviários conservam toda a energia da primeira hora de luta. Mais ainda. Duplicaram em decisão, em resistência, em firmeza. E vencerão.

Vencerão merez da própria força. Vencerão merez do apoio com que toda a imensa multidão trabalhadora os segue. Só a França revolucionária é testa de uma coligação contra-revolucionária.

Sobrecarrega-a com um fardo financeiro que ameaça arruiná-la por completo. Rodeada de democracias do mundo, a manter-se em pé de guerra apertando os dedos dos prisioneiros do seu território, a Alemanha é dominada por um fardo financeiro que ameaça arruiná-la por completo.

O caso é diverso quanto à Alemanha saída do Tratado de Versalhes. A Alemanha, grande potência industrial, que, com os seus 70 milhões de habitantes, se vira, já antes da guerra, apertando o seu território igual ao da França, tirando 910 da sua frota mercante 910 do seu ferro, 35º do seu carvão.

Condenam-na a pagar, num prazo muito curto, 55 bilhões de francos, tendo em conta o câmbio actual do marco, e, num prazo menos próximo, quase a totalidade dos seus haveres nacionais.

Não se determinando o total da sua dívida. Não falamos da perda de 18º do seu território e de todas as suas colônias, porque, como socialistas, a nenhum povo reconhecemos o direito de proprietade exclusiva sobre a terra e sobre os povos conquistados e sujeitos.

Todos os partidos políticos da Alemanha, incluindo os comunistas, consideram unicamente o Tratado de Versalhes como uma sentença de morte política e económica para o povo alemão. Porque o entregam, atado de pés e mãos, aos seus formidáveis rivais económicos, certos agora da hegemonia mundial. Não lhe consente a reconstituição das suas forças exaustas e entrega assim o seu novo regime aos fúriosos ataques da reacção do antigo regime, que inevitavelmente responsabilizará a revolução alemã pela ruína e humilhação do país.

O Tratado prepara assim a volta dos senhores terrestres e do militarismo prussiano derribado.

E é um crime contra a humanidade! Porque o tratado, depois de ter momentaneamente abolido o militarismo prussiano, deixa de pe, reforçando-os, o militarismo e imperialismo interaliados. Apesar da platônica promessa de uma Sociedade das Nações, manteve o público que uma vez o vagão sem "reflexos", os descarrilamentos voluntários a dar-se, o que justificaria as violências e brutalidades ainda na forja.

Reclamando ratificar o crime, o proletariado francês bem mereceu da França, da Internacional e da Humanidade.

Ch. RAPPORTE

QUEM SÃO OS BÁRBAROS?

Edith Cavell e Jeanne Labordre

Oficiais franceses assassinaram a tiros de revolver uma mulher francesa

No Exploit, de Bruxelas, relata Frédéric Denis um facto revoltante, até agora quase totalmente ignorado mercedo do silêncio que em torno dele se tem feito. Transcrevemos, por isso, o artigo inserido no jornal belga:

Quanto à miséria, é tanta a raiva dos nossos inimigos, que só pensam em vandalismos próprios da classe a que pertencem, para prejudicar os homens que as suas infâncias, tem respondido com o maior desprezo.

E' preciso que o público fique sabendo que se alguma desgraça se der à inteira responsabilidade da companhia e do governo, porque os grevistas e os descarrilamentos voluntários a dar-se, o que justificaria as violências e brutalidades ainda na forja.

A quem devemos pedir providências se o governo se colocou ao lado da Companhia?

Quantos ganharão os inspectores Bandeira e Pedro Nascimento, por andar pelo Rio Tejo a engajar, entre os grevistas, empregados para retomarem o serviço?

Poderão responder-nos?

No linhão do Porto à Póvoa e Figueira, apresentaram-se dois serrameiros extranos, um condutor e um guarda da frota.

De Castelo Branco há novidade de primeira ordem: tudo firme.

Continua a raiz nos cais e dependências da Companhia, e os gêneros, trocados a patadas, valha-nos Isto.

Depois se verão as reclamações, que devem vir com abundância.

Temos um relatório dum mobilizado, que será publicado, no qual a honra de certos personagens fica deveras comprometida.

Viva a greve geral!

O Comité Central

A cosinha comunista

Na sede do Sindicato Ferroviário, foram ontem recebidas mais as seguintes quantias, para auxílio à cosinha comunista dos ferroviários:

Associação de Classe dos Calçateiros, 500; ofício de um camareiro dos correios e telegrafos, 50; José Santos Carvalho, fábric. de 2.º, 500; Armando Lourenço, 150; Alberto Rodrigues, chefe de S. Torcato, 150; Manuel Duarte, assentador, 50; António Silva, agulheiro, 150; António Henrique, assentador, 150; Casimiro Alves, 50; Associação dos Estivadores do Porto de Lisboa, 4000; Construção Civil, secção do Beato e Olivais, 750; Artur Rodrigues Ferreira, do Sul e Sueste, 150; Associação de Classe dos Corticeiros, 300; anônima, Campolide, 250; lista 150, 350; Raul Pimenta, 150; Oscar Oliveira, 150; Jacinto Oliveira, 150; S. V., 50; Augusto Florêncio, 50; obras da câmara, rua Possidónio Silva, 150; pessoal da câmara, da Cova da Moura, 250. Total, 7570.

Qualquer dia são capazes de afirmar que o comité está hospedado em casa da sua exceléncia o sr. Tomé de Barros Queiroz, quando afinal ele está a esta hora sob uma barraca de campanha, tem como mesa uma pedra, papel e lápis, o bastante para poder cumprir o seu dever até à vitória, que será nossa, ninguém o duvide.

E assim, o comité, tendo ontem como apresentados ao serviço, os camaradas Pina Córtes e Pestana, quando isso é falso, porque seria fácil secar o oceano do que estes camaradas irem enfiar ao lado dos traidores.

Aí ficou o aviso para que não haja ilusões. Cá ficamos esperando novas traições, predilecio manjar os nossos antagonistas.

Como complemento desta nota enviaremos alguns interessantíssimos informes que acabamos de receber.

A vitória aproxima-se a passos lentos, mas certos.

Que ninguém arrede um passo do caminho trilhado.

Serenidade e confiança.

Viva a Greve Geral!

O Comité Central

Nota oficiala do Sindicato

A Comissão de Melhoramentos continua aguardando que a comissão de parlamentares a mande chamar para a solução da greve a que a última se propôs, entre o governo e o pessoal, visto apenas daquele depender a solução do conflito, polo que é a única entidade que pode propor ao parlamento as medidas necessárias, não só para atender à situação financeira da C. P. como a do seu pessoal tendo sido as reclamações deste último a principal dificuldade para resolver o conflito, pois

